Homicídios entre jovens negros no Estado de Minas Gerais: uma análise exploratória

Homicides among young black men in the state of Minas Gerais: an exploratory analysis

Elisângela Gonçalves Lacerda
Doutoranda em Geografia/PUC Minas - bolsista CAPES
lacerda801@gmail.com

Felipe de Ávila Chaves Borges
Mestrando em Geografia/PUC Minas - bolsista CNPq
felipeacborges@gmail.com

Alexandre Magno Alves Diniz
Doutor em Geografia. Coordenador do PPGG-PUC Minas
alexandrema@gmail.com

Artigo recebido para revisão do evento em 22/04/2014, aceito para publicação em 11/05/2014 e recebido para publicação em 01/06/2014

Resumo
O artigo busca analisar o padrão espaço temporal de distribuição das taxas de óbitos de jovens negros do sexo masculino com idades entre 15 e 29 anos no estado de Minas Gerais entre os anos de 2002 e 2011. Os dados utilizados no estudo foram retirados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), sob a cogestão da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS) e do Departamento de Informática do SUS (Datasus/MS), do Ministério da Saúde. As taxas específicas produzidas foram corrigidas com o uso da técnica de estimação bayesiana e posteriormente mapeadas. Os resultados apontam que o fenômeno não se distribui de maneira homogênea pelo estado de Minas Gerais, tendo sido possível a identificação de duas áreas críticas: a Região Metropolitana de Belo Horizonte e os Vales do Rio Doce e Mucuri.

Palavras-Chave: Homicídios, Jovens, Negros, Análise Espacial

Abstract
The paper analyzes the default Timeline rate distributions of deaths of young black males aged 15 to 29 years in the state of Minas Gerais between 2002 and 2011. Data used in the study were taken from the System information (SIM), under the co-management of the Secretariat of Health Surveillance (SVS / MS) and the Department of the SUS (Datasus / MS), the Ministry of Health. The specific production rates were corrected using the technique bayesian estimation and subsequently mapped. The results indicate that the phenomenon is not distributed evenly by the state of Minas Gerais, has been possible to identify two critical areas: the Região Metropolitana de Belo Horizonte and the Vale do Rio Doce e Mucuri.

Keywords: Homicide, Young, Black, Spatial Analysis

1. INTRODUÇÃO

A violência é um dos fatores que mais preocupa os gestores públicos e a população na atualidade. Isso ocorre em função dos diversos efeitos negativos que a mesma ocasiona na sociedade, contabilizando prejuízos que vão desde os financeiros até o uso diferenciado dos espaços públicos em função do perigo de vitimização. A manifestação extrema da violência é o homicídio, ou seja, o extermínio de outro ser humano a partir de atos de agressão.

A violência e, mais especificamente, os homicídios, não afetam as diferentes parcelas da sociedade com a mesma intensidade. Alguns fatores contribuem para que o risco de vitimização seja maior em algumas subpopulações. De maneira geral, estudos têm demonstrado que os jovens, principalmente os do sexo masculino, são os mais expostos à violência e a população na qual a taxa de óbitos por homicídios é maior. Isso porque a sua rotina, somada ao seu desejo de experimentar e desafiar os limites, acaba por colocá-los em situações de risco, como o uso de drogas. Dentro desta subpopulação há outra ainda mais vulnerável: os jovens negros. Tais jovens, na maioria das vezes devido ao seu histórico social (com poucas oportunidades de estudo, trabalho e lazer), são mais afetados pela violência e são a subpopulação que mais morre por agressão no Brasil.

Devido à importância dos impactos negativos ocasionados pela violência na sociedade, a mesma é foco de estudo de várias ciências, tais como a sociologia, psicologia, saúde e mais recentemente da própria geografia. De fato, o fenômeno violento é multifacetado e sofre influência dos mais variados fatores culturais, econômicos e sociais. Portanto, não é possível compreendê-lo em sua totalidade a partir da visão de uma única área do saber. Nesse sentido, a geografia tem muito a contribuir para a compreensão das ocorrências violentas e criminais, uma vez que permite a descoberta de padrões de distribuição e possibilita a caracterização das áreas mais afetadas, bem como o levantamento dos fatores mais relevantes para o seu incremento.

Com base nos fatores mencionados, o trabalho tem por objetivo principal analisar o padrão de distribuição das taxas de óbitos de jovens negros do sexo masculino com idades entre 15 e 29 anos no estado de Minas Gerais. Como objetivos específicos tem se: a construção das taxas de óbitos por homicídio dentro dessa subpopulação, o mapeamento das mesmas e a identificação dos municípios com maiores taxas no estado.

A pertinência deste estudo baseia-se no fato de ser a violência um importante agente de transformação e reorganização geográfica, modificando o espaço e seus significados. Portanto, o tratamento espacial da criminalidade também visa dar subsídios à construção de políticas públicas de segurança e combate à criminalidade. A identificação de áreas mais propensas a vitimização de jovens negros permite, não apenas compreender melhor o

fenômeno da violência, mas, sobretudo, intervir de forma consciente na mitigação do problema.

2. HOMICÍDIOS ENTRE JOVENS NO BRASIL

A intensificação das mortes por causas externas entre jovens, especificamente os homicídios, vem ocorrendo desde as últimas décadas do século XX. Conforme demonstra a Síntese dos Indicadores Sociais do ano 2000[1], a violência ganhou destaque, passando a ser responsável por 68% das mortes entre jovens no Brasil. Entre 1991 e 2000, a mortalidade por homicídio passou de 20, 9 para 27,0 óbitos por 100.000 habitantes, sendo que, para a população de 15 a 24 anos, esses valores foram 35,2 e 52,1, respectivamente. Na comparação regional, as taxas brasileiras foram inferiores apenas aos dados apresentados por Colômbia e Costa Rica, de acordo com o *ranking* da UNESCO (AIDAR; SOARES, 2006).

Não são escassos os estudos que buscam levantar as causas e os fatores que influenciam o incremento das taxas de homicídio entre jovens. Carvalho, Salles e Guimarães (2002) apontam que esses homicídios estão, na maioria das vezes, relacionados com o uso de drogas e/ou com a luta entre gangues. Outros autores apontam para o processo de urbanização, de desigualdades socioeconômicas, de conflitos armados e de mudanças na estrutura familiar como sendo indicador de risco para a incidência de homicídios entre indivíduos dessa faixa etária (LIMA; XIMENES, 1998). As tentativas de se levantar as principais causas da violência, apesar de serem válidas, muitas vezes buscam um responsável direto, o que leva a uma compreensão particularizada de um problema muito mais amplo e complexo. Segundo Minayo e Souza (1999), a mortalidade por violência só pode ser compreendida na sua totalidade a partir da apreensão de conceitos como desigualdade, impunidade, deterioração institucional, banalização e pouca valorização da vida.

Na busca por uma abordagem psicológica, Rodriguez e Kovács (2005), apontam que os jovens tendem a se lançar numa busca intensa pela vida, com sentimentos de onipotência e ideias de imortalidade, e tais fatores acabam por impulsioná-los na prática de ações que acabam os levando a uma aproximação dos perigos. Nessa mesma linha, Santos (2007) afirma que as altas taxas de homicídio entre jovens observadas não só no Brasil, como também no contexto internacional, refletem algumas especificidades dessa faixa etária, conforme descreve:

> A atração pela arma de fogo é uma característica que permanece no imaginário coletivo dos jovens, pois ela parece conferir uma outra estatura ao indivíduo, representando autonomia, confiança e poder. A posse de armas de fogo traz à tona disputas internas que levam os jovens ao óbito. (SANTOS, 2007, p. 77).

Seja qual for o enfoque, apesar dos vários problemas estruturais relacionados à alta incidência de mortes entre os jovens, é quase consenso entre os estudiosos dessa temática que o tráfico de drogas é um dos principais problemas a serem enfrentados. Conforme

[1] Levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com o intuito de averiguar as mudanças que ocorreram no Brasil na década de 1990.

afirma Beato Filho et al. (2001), "qualquer que seja a proporção dos homicídios relacionados às drogas, os mesmos deverão ocorrer com maior intensidade nas regiões e vizinhanças assoladas pelo tráfico". Isso se deve, em grande parte, ao fato de que, no contexto das regiões metropolitanas, nas áreas mais desvalorizadas e marcadas pelas omissões do estado e das instituições públicas, os jovens encontram maiores dificuldades para estudar e se inserirem no mercado de trabalho. Esse contexto de exclusão acaba por fomentar as ações ilícitas, com grande destaque para o tráfico de drogas, no qual essa ampla mão de obra disponível passa a atuar.

Segundo Macedo et al. (2001), os ambientes urbanos são espaços privilegiados para o estabelecimento das relações sociais, bem como para a ocorrência de mortes violentas, uma vez que ali vários fatores condicionantes do fenômeno criminal se fazem mais evidentes, tais como a concentração populacional elevada, impessoalidade das relações, alta competição entre os indivíduos, além do fácil acesso à armas de fogo. Contudo, cabe destacar que estabelecer uma relação direta entre as desigualdades sociais e a dinâmica dos crimes violentos, dentre eles os homicídios, é um erro, dada a complexidade inerente ao fenômeno (SOARES FILHO et al. , 2007).

Estudos têm revelado que os homicídios entre jovens apresentam distribuição espacial heterogênea, sendo maiores os riscos de vitimização por homicídio em determinadas sub-regiões do país e de áreas específicas da cidade (CANO; RIBEIRO, 2007). Minayo (1990), por exemplo, indicava que a magnitude da mortalidade por causas externas entre adolescentes era maior nas capitais dos estados das regiões Sudeste e Sul, sendo também mais significativa nas áreas urbanas do que no interior dos vários municípios brasileiros. Ressalte-se que, em 1995, essas duas regiões (Sul e Sudeste) concentraram mais de 65% dos óbitos entre jovens, sendo responsáveis pelo padrão de mortalidade impresso no Brasil (VERMELHO; MELLO JORGE, 1996). Um estudo feito pelo Observatório de Favelas (2006) revelou, ainda, que na região Sudeste há três concentrações de municípios com altos níveis de vitimização: Região Metropolitana de Belo Horizonte, proximidades de Vitória (Espírito Santo) e a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Da mesma forma que a incidência de homicídios não ocorre de forma homogênea entre as diferentes faixas etárias, atingindo principalmente os jovens, nas diferentes raças/cor também é observado diferentes graus de risco à morte por homicídios.

Waiselfisz (2007), em estudo acerca dos homicídios nos municípios brasileiros, encontrou grande diferença nas taxas de homicídios incidentes sobre a população negra e branca. A população negra teve uma taxa de morte por homicídio 73,1% maior que a população branca, demonstrando a vulnerabilidade de tal grupo populacional.

Atualizando tal estudo em 2012, Waiselfisz apresenta, nos últimos 10 anos, uma

tendência de queda no número absoluto de homicídios sobre a população branca, ao passo que na população negra tais dados têm sofrido incremento. Tal tendência apesar de acometer a população total das diferentes raças, não se faz presente na análise de risco entre jovens, onde a tendência tanto em brancos como em negros foi de aumento. Todavia, o crescimento das taxas de homicídios de jovens negros foi maior que de jovens brancos, aumentando 46 vezes no primeiro caso e 29 vezes no segundo (WAISELFISZ, 2012).

Hennington e outros autores (2008) encontraram uma probabilidade 44% maior de pessoas negras morrerem vítimas de homicídios em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, quando comparadas a pessoas brancas. Resultado semelhante também é encontrado para Salvador, onde os negros são aqueles que possuem maior perda de anos potenciais de vida, tendo os homicídios como principal causa (ARAÚJO et al, 2009).

Embora seja evidente a diferença entre a vitimização por homicídio entre negros e brancos, alguns autores tem chamado a atenção para a diferenciação socioeconômica de dessas subpopulações. Em estudo sobre os homicídios na Região Metropolitana de São Paulo, Kilsztajn e outros (2005) indicam que embora existam diferenças nas taxas de homicídios entre jovens negros e brancos do sexo masculino, as mesmas se equivalem quando são controladas por variáveis socioeconômicas, como escolaridade. Em outras palavras, o que geraria a diferença entre as taxas de homicídios entre negros e brancos seriam as diferenças socioeconômicas existentes entre eles, e não apenas o fato de terem cores distintas. Tal indicação é corroborada por Araújo e outros autores (2009), que apesar de encontrarem maior índice de perda de anos potenciais de vida em população negra, atentam para a participação majoritária de pessoas de baixa escolaridade e renda.

3. METODOLOGIA

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos na classificação Internacional de Doenças (CID-10), em seu capítulo XX, onde são definidas as "causas externas de morbidade e mortalidade". Dentre as causas de óbito estabelecidas pela CID-10, foram utilizados os registros que recebem o título genérico de "Agressões". Esse capítulo caracteriza-se pela presença de agressões ocasionadas por terceiros, que fazem uso de meios diversos para provocar a morte da vítima.

Os dados utilizados são oriundos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), sob a cogestão da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS) e do Departamento de Informática do SUS (Datasus/MS), do Ministério da Saúde, tendo sido considerados os dados referentes aos óbitos por gênero, raça e faixa etária (negros - pessoas autodeclaradas pretas e pardas, gênero masculino e com idades de 15 a 29 anos). Para a produção de taxas brutas anuais específicas, entre 2002 e 2011, foram utilizados os dados de população do IBGE referente à subpopulação de

interesse - jovens negros do sexo masculino com idades entre 15 e 29 anos (retirados do censo demográfico de 2010 e estimativas populacionais para os anos entre censos). As taxas específicas foram produzidas para os 853 municípios de Minas Gerais.

Para evitar as flutuações aleatórias inerentes à construção de taxas de criminalidade brutas para áreas com populações reduzidas, as taxas brutas foram corrigidas, através do uso da técnica de estimação bayesiana. Ver Marshall, (1991) e Bailey (2001) para uma discussão detalhada do método.

As taxas corrigidas foram mapeadas com o uso da técnica de mapeamento coroplético, sendo que as classes foram definidas a partir da quebra natural processada nos dados de 2004, uma vez que, este foi o ano com as maiores taxas.

4. RESULTADOS

O mapeamento foi dividido em dois momentos, um que cobre o período de 2002 a 2006 e outro que vai de 2007 a 2011. No ano de 2002 observa-se que impera no estado os municípios com menores taxas (entre 12 e 65 óbitos por 100 mil hab.), apesar de já ser possível notar municípios com taxas expressivas nas proximidades da capital (dentre eles Contagem) e na região Nordeste de Minas Gerais.

A partir de 2003 os municípios com taxas mais elevadas (acima de 161 óbitos por 100 mil hab.) se tornam mais numerosos e nota-se a formação de áreas com conglomerados de municípios com taxas elevadas. Tais áreas estão presentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte e no Nordeste do estado (Vale do Rio Doce e Mucuri). O encarte da coleção de mapas mostra os municípios próximos a Belo Horizonte e suas respectivas taxas de óbitos no ano de 2006. Observa-se uma mancha de dimensão considerável, formada a partir da contiguidade de municípios com taxas de óbitos entre jovens negros elevadas. Neste contexto, destacam-se com taxas mais elevadas Betim, Ribeirão das Neves e Ibirité.

No segundo momento, entre os anos de 2007 e 2011, nota-se um arrefecimento do fenômeno em certa medida, uma vez que o número de municípios com altas taxas se reduz. Todavia observa-se que há uma expansão no número de municípios com taxas intermediárias**.** Durante este período há uma manutenção do aglomerado de municípios com taxas elevadas no entorno da capital mineira, apesar de ser possível observar uma considerável redução. Note que o encarte referente ao ano de 2011 mostra apenas Betim com uma taxa de óbitos alocada na última e mais crítica classe.

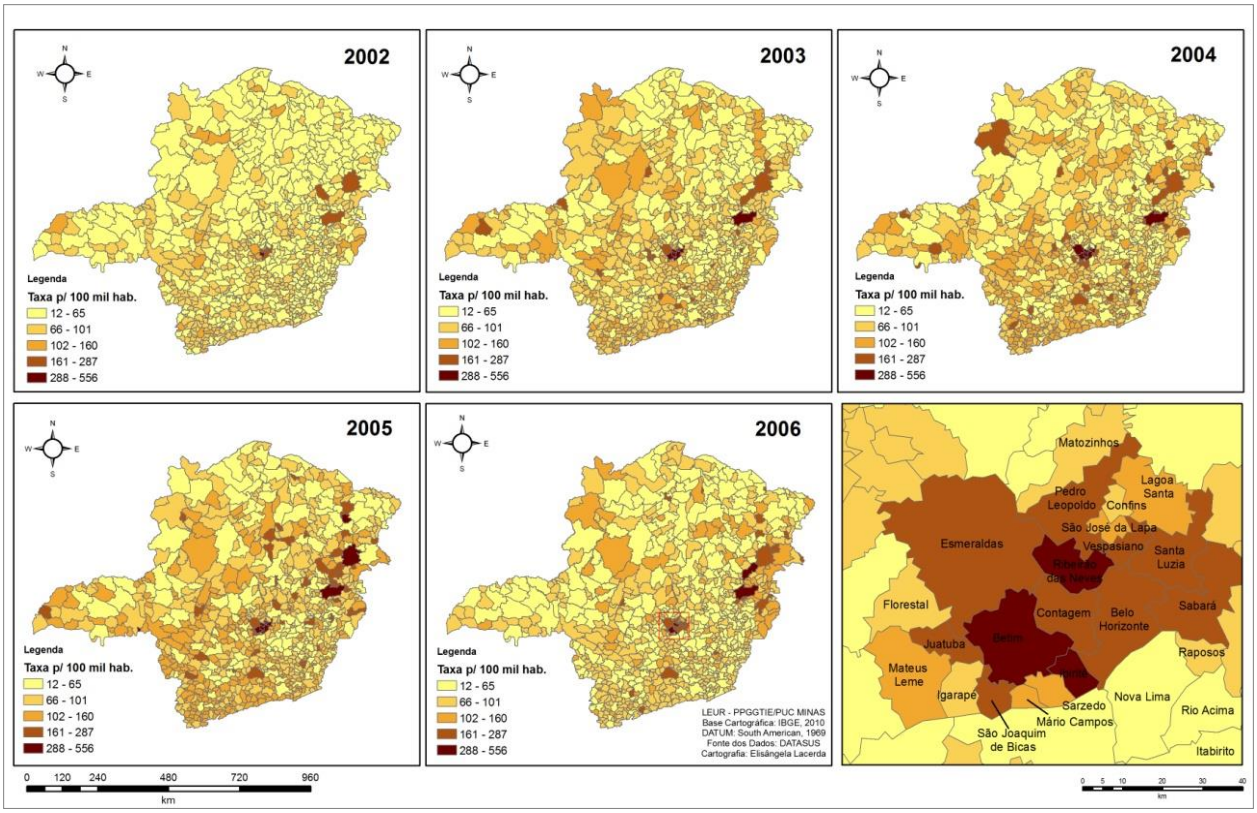


Figura 1 - Taxa de Homicídio de Jovens Negros por Município em MG - 2002 a 2006

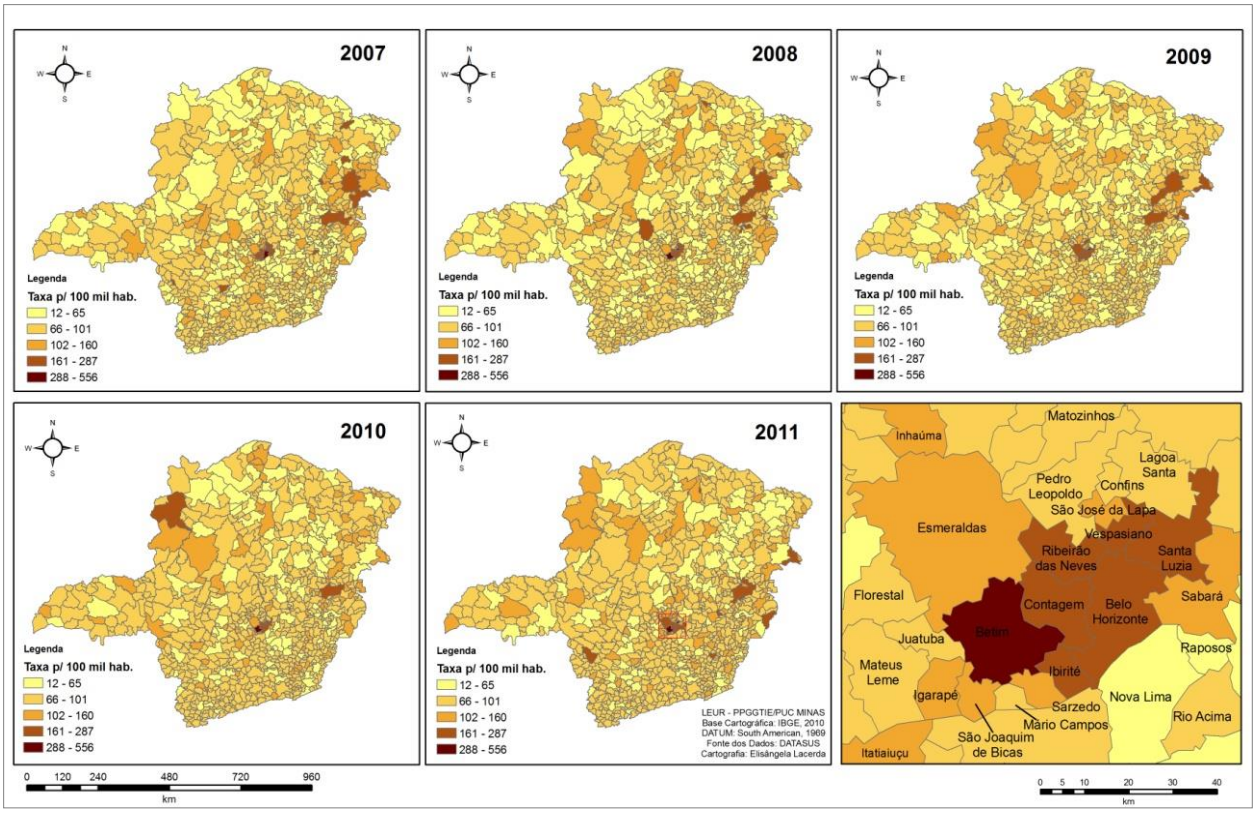
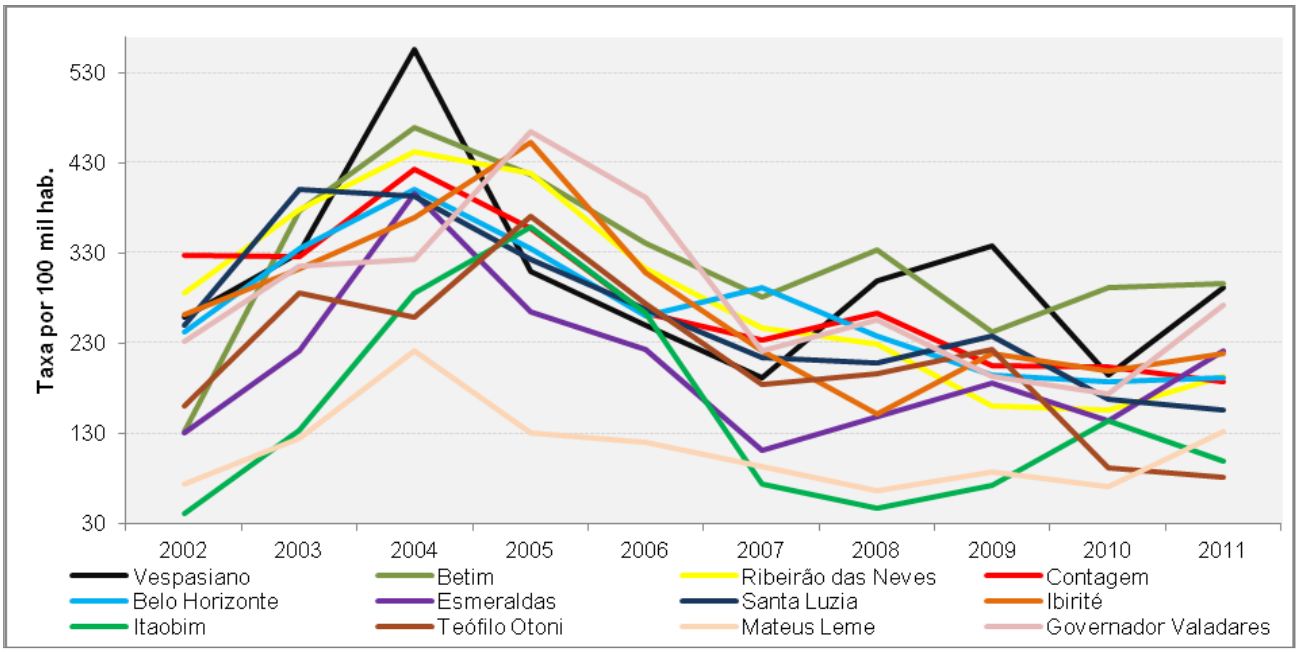


Figura 2 - Taxa de Homicídio de Jovens Negros por Município em MG - 2007 a 2011

O gráfico 1 apresenta a evolução da taxa de óbito dos municípios que se mantiveram com taxas acima de 100 óbitos por 100 mil hab. durante todo o período analisado. O mesmo foi elaborado com o intuito de verificar quais são os municípios mais críticos no estado com relação à taxa de óbitos de jovens negros do sexo masculino com idades entre 15 e 29 anos.

Gráfico 1 - Taxa de Homicídio dos Municípios que se Sobressaíram - 2002 a 2011



Ao analisar o período como um todo se observa que a tendência inicial foi de incremento das taxas de óbito, até atingir um pico médio entre os anos de 2004 e 2005, a partir de então as mesmas oscilaram, porém a tendência geral foi de decréscimo. Dentre os municípios com maiores taxas durante o período em questão estão Betim, Ribeirão das Neves, Contagem, Ibirité, Governador Valadares, Teófilo Otoni e Vespasiano. Chama a atenção o fato de que, em 2004, o município de Vespasiano chegou a ultrapassar a taxa de 530 óbitos por 100 mil jovens negros do sexo masculino.

5. CONCLUSÕES

O estudo apresentou a distribuição espacial das taxas de homicídios de jovens negros do sexo masculino com idade entre 15 e 29 anos. Foi possível constatar que o fenômeno em estudo apresentou uma significativa oscilação temporal, tendo inicialmente um momento de incremento até o ano de 2005 e posteriormente um segundo momento de declínio das altas taxas.

Do ponto de vista espacial, notou-se que, de maneira geral, as áreas mais afetadas, ou seja, com maiores taxas, se mantiveram concentradas especificamente em duas regiões do estado: na Região metropolitana de Belo

DOI 10.5752/P.2318-2962.2014v24nespp69

Horizonte e no Nordeste de Minas Gerais (Vale do Rio Doce e Mucuri). Ainda com relação à manifestação espacial do fenômeno, constatou-se que o segundo momento temporal foi marcado pela difusão do mesmo, ou seja, o número de municípios com taxas intermediárias cresceu significativamente a partir de 2006.

Dentre os municípios mais afetados foram identificados Betim, Ribeirão das Neves, Contagem, Ibirité, Vespasiano, Governador Valadares e Teófilo Otoni. Tais municípios comportam cidades de porte significativo, com uma população expressiva que sofre com alguns problemas decorrentes de uma urbanização pouco planejada. Sendo assim, o estudo em voga é apenas um ponto de partida, na medida em que foi possível identificar as áreas mais problemáticas com relação à violência praticada contra jovens negros do sexo masculino. Portanto, fazem se necessários novos estudos capazes de elucidar os fatores relacionados com a alta incidência de homicídios dentro dessa subpopulação nos municípios identificados como sendo mais críticos.

REFERÊNCIAS

AIDAR T, SOARES M. Desigualdade, vulnerabilidade social e a mortalidade por causas violentas no contexto metropolitano: o caso de Campinas, Brasil. In: CUNHA, J.M.P. (org.). **Novas Metrópoles Paulistas**: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; 2006, p. 561-79

ARAÚJO, E. M.; COSTA, M. C. N.; Mota, E ; HOGAN, V. ; OLIVEIRA, N. F.; ARAÚJO, T. M. Diferenciais de Raça/Cor da Pele em Anos Potenciais de Vida Perdidos por Causas Externas. **Revista de Saúde Pública** (USP. Impresso), v. 43, p. 405-412, 2009.

BAILEY, T. Spatial Statistics Methods in Health. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, n.5, 2001.

BEATO FILHO, C. C.; ASSUNÇÂO, R. M; SILVA, B. F. A. da; MARINHO, F. C.; REIS, I. A. e ALMEIDA, M. C. de M. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n°. 5, set-out. 2001, p. 1163-1171.

CANO, I. e RIBEIRO, E. Homicídios no Rio de Janeiro e no Brasil: dados, políticas públicas e perspectivas. In: CRUZ, M.V.G. e BATITUCCI, E.C. (Orgs). **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007. 60 p.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Orgs.) **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HENNINGTON, E. A. ; MENEGHEL, S. N.; BAIRROS, F.; SILVA, L. B.; GRANO, M. S.; SIQUEIRA, T. P.; STEFENON, C. Mortalidade por homicídios em município na região sul do Brasil, 1996-2005. **Revista Brasileira de Epidemiologia** (Impresso), v. 11, p. 431-441, 2008.

KILSZTAJN, S. ; CARMO, M. S. N. ; SUGAHARA, G. T. L. ; LOPES, E. S. . Vítimas da cor homicídios na Região Metropolitana de São Paulo, 2000. **Cadernos de Saúde Pública** (ENSP. Impresso), v. 21, p. 1408-1415, 2005.

LIMA, M. L. C. de e XIMENES, Ricardo. Violência e morte: diferenciais da mortalidade por causas externas no espaço urbano do Recife, 1991. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n°4, 1998, p. 929-940.

MACEDO, A. C.; PAIM, J. S.; SILVA, L. M. V. da e COSTA, M. da C. N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 35, n°6, 2001, p. 15-22.

MARSHALL, R. J., 1991. Mapping disease and mortality rates using empirical Bayes estimators. **Applied Statistics**, 40:283-294.

MINAYO, M. C. de S. A Violência na Adolescência: um Problema de Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 6, n° 3, jul-set, 1990, p. 278-292.

MINAYO, M. C. de S, SOUZA E. R. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da Saúde Pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, 1999, p. 7-32.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Índice de homicídios na Adolescência: análise preliminar dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes.** PRVL - Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens. Jul. 2009.

RODRIGUEZ, C. F. e KOVÁCS, M. J. O que os jovens têm a dizer sobre as altas taxas de mortalidade na adolescência? **Imaginário**, v. 1, n°11, São Paulo, dez. 2005.

SANTOS, J. E. F. Homicídio entre Jovens de uma Periferia de Salvador, Bahia: um relato de experiência sobre a violência e o desenvolvimento humano. **Rev. Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 17, n° 3, 2007, p. 72-83.

SOARES FILHO, A. M; SOUZA, M. de F. M.; GAZAL-CARVAHO, C.; MALTA, D. C.; ALENCAR, A. P.; SILVA, M. M. A. e MORAIS NETO, O. L. de. Análise da Mortalidade por Homicídios no Brasil. **Epidemiologia e Serviço de Saúde**. v. 16, n°1, 2007, p. 7-18.

VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. de. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). **Rev. Saúde Pública**, v. 30, n° 4, 1996, p. 319-31.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência dos municípios brasileiros.** Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, OEI, 2007. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/publicacoes/mapa_2007.pdf> Acesso em: 15 abr. 2014.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012: a cor dos homicídios.** Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, OEI, 2012. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf> Acesso em: 15 abr. 2014.